

# **A GRANDE REPORTAGEM TELEVISIVA NOS TRÊS CANAIS GENERALISTAS: TENDÊNCIAS, ESTRUTURAS E MODELOS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA ENTRE 2008 E 2018<sup>1</sup>**

Joana Gonçalves

Ricardo Morais

## **Introdução**

Numa época em que se assiste ao crescimento da desinformação e em que os cidadãos têm cada vez mais dificuldades em selecionar fontes de informação credíveis, urge refletir sobre o papel do jornalismo na sociedade democrática. Não é possível imaginar uma democracia saudável sem órgãos de comunicação capazes de garantir cidadãos informados, capazes de participar no debate público e tomar decisões com base em factos verdadeiros.

Neste sentido, e apesar de muitos considerarem que foi a Internet a grande responsável pela crise que o jornalismo atravessa, a verdade é que se o ambiente digital transformou de modo significativo as formas de produzir e consumir jornalismo, foram os cortes nas redações e a aposta no imediatismo, num jornalismo de produção rápida, com notícias de última hora, que contribuiu de forma decisiva para a situação em que nos encontramos hoje.

1. O presente trabalho surge a partir da Dissertação de Mestrado em Jornalismo apresentada pela autora do estudo, Joana Gonçalves, na Universidade da Beira Interior em 2019, e que teve como orientador o Professor Ricardo Morais, coautor deste trabalho.

Os problemas que afetam o jornalismo podem assumir as suas particularidades em função da realidade de cada um dos meios, mas é inegável que a diminuição do número de profissionais nas redações, comum a todos os meios de comunicação, tem afetado o mais importante: a qualidade do jornalismo. No caso particular da televisão, objeto de estudo neste trabalho, esses cortes também se fizeram sentir e afetaram, entre outras coisas, o jornalismo em profundidade. Neste sentido, não se pode ignorar a ameaça que paira sobre os conteúdos informativos mais longos, que demoram mais tempo a produzir, porque resultam de investigações demoradas, mas que na realidade são os que mais diferença podem fazer para garantir a qualidade da vida em democracia.

Neste trabalho analisam-se precisamente esses trabalhos jornalísticos, as Grandes Reportagens Televisivas, procurando perceber como tem sido a aposta neste género ao longo do tempo. Para esse efeito, consideram-se os três principais canais generalistas (RTP, SIC, TVI), aqueles a que todos podem ter acesso livremente, observando em particular a produção entre os anos de 2008 e 2018, um período temporal suficientemente abrangente para se perceber a evolução ao nível da produção. Se o foco deste estudo são as Grandes Reportagens Televisivas, não é possível analisar a evolução daquele que continua a ser considerado o “género nobre” do jornalismo sem auscultar os jornalistas responsáveis por estes trabalhos jornalísticos. Neste sentido, para além da análise das reportagens são também recolhidas as perceções dos profissionais dos meios de comunicação. O objetivo do trabalho passa assim pela identificação das características das Grandes Reportagens Televisivas, considerando algumas das tendências, estruturas e modelos de produção jornalística dos últimos anos.

No que diz respeito à estrutura do trabalho, na primeira parte realiza-se uma breve revisão bibliográfica centrada nas origens da Grande Reportagem Televisiva, mas que procura também avaliar o modo como as transformações nas redações e o imediatismo informativo têm afetado o desenvolvimento destes trabalhos jornalísticos.

A segunda parte do trabalho inicia-se com a explicação dos procedimentos metodológicos e o desenho da investigação, destacando-se as opções em termos de métodos e técnicas de recolha de dados: por um lado, a análise dos trabalhos de Grande Reportagem Televisiva produzidos entre 2008 e 2018 e disponibilizados nos sites dos três canais (RTP, SIC, TVI); por outro, as entrevistas com nove jornalistas dos três canais generalistas. No momento seguinte são apresentados e discutidos os principais resultados, destacando-se a exposição das principais tendências ao nível da categoria temática, duração e espaço de exibição dos trabalhos jornalísticos, na dimensão mais quantitativa do trabalho; e as perspetivas sobre as práticas desenvolvidas pelos profissionais ao nível da Grande Reportagem Televisiva, na vertente qualitativa.

O trabalho encerra com as considerações finais, onde se realça que desde 2015 houve um efetivo aumento do número de Grandes Reportagens produzidas pelos três canais generalistas. Destaca-se, no entanto, que a escassez de profissionais e a rapidez com é que necessário produzir conteúdos na atualidade são fatores que podem efetivamente afetar as Grandes Reportagens Televisivas, enquanto género que exige maior tempo na recolha de informação e profundidade no tratamento jornalístico. Realça-se ainda que os jornalistas defendem a importância de encontrar um equilíbrio entre aquela que é a necessidade de informação mais imediata, mais instantânea, fruto dos ritmos das sociedades modernas, e uma informação mais ponderada, mais reflexiva, que encontra nas Grandes Reportagens o seu espaço.

### **A Grande Reportagem entre os géneros jornalísticos televisivos**

É através de uma observação dos primeiros meios de comunicação, a imprensa e a rádio, que se encontram os principais géneros jornalísticos (a notícia, a crónica, a reportagem, os artigos de opinião), que viriam também a ser adaptados pelo meio televisivo. Pode-se assim considerar que os géneros surgem, no âmbito do jornalismo, como uma ferramenta “para facilitar o processo comunicativo” (Bertocchi, 2005, p. 1293). Para Melo e Assis (2016), isso “significa que os géneros devem ser considerados como artifícios

instrumentais que auxiliam a indústria mediática a produzir conteúdos, consistentes e eficazes, em sintonia com as expectativas da audiência” (p. 45). Os géneros serviriam assim para ajudar o público, que em função de um determinado género, já saberia o tipo de conteúdo com que poderia contar. Importa, no entanto, considerar que “a comunicação jornalística em televisão não é uniforme. Os diferentes produtos socorrem-se de técnicas e efeitos muito diversos para fazerem passar a mensagem e alcançarem os seus objetivos: serem vistos, ouvidos e entendidos pelo maior número possível de pessoas” (Oliveira, 2007, p. 9). No meio televisivo são, portanto, “as diferentes formas de exprimir a linguagem jornalística e televisiva” que constituem os géneros jornalísticos, que no fundo são “formas de enriquecer a comunicação, combatendo a monotonia formal e melhorando o ritmo dos produtos televisivos” (ibidem).

Apesar de diferentes autores apresentarem diferentes definições dos géneros jornalísticos, neste trabalho destacamos os estudos de Jean-Jacques Jaspers (1998) que classifica os géneros jornalísticos que se enquadram especificamente no jornalismo televisivo. O autor fala de jornalismo televisivo para se referir aos conteúdos informativos que são produzidos na televisão. Jaspers refere em particular “o jornal televisivo”; “a entrevista”; “o debate”; “o telejornal”; “os magazines”; “o talk-show”; “a reportagem” e “a série”, como os principais “jornalisms televisivos”, aquilo que entende como os géneros jornalísticos daquele que é o próprio jornalismo televisivo. Jorge Nuno Oliveira (2007) também considera como principais géneros jornalísticos televisivos a “peça de telejornal”, a “reportagem de telejornal”, o “documentário ou grande reportagem”, a “entrevista”, “o debate” e a “apresentação”. Para o autor o que une os diferentes géneros é o facto de todos serem “formas de comunicação jornalística e o facto de serem emitidos em televisão”, sendo que eles se distinguem pela duração, formato, linguagem televisiva e linguagem jornalística (2007, pp. 9-10).

Neste ponto destaca-se precisamente um desses géneros, aquele que muitos continuam a considerar “o género nobre do jornalismo”, a reportagem.

Importa realçar que o objeto central deste estudo não é a “reportagem ou peça de telejornal” também chamada de “reportagem de curta duração”, mas antes a “Grande Reportagem”, de acordo com a classificação de Oliveira (2017, p. 11), ou seja, o objeto de estudo são os trabalhos de longa duração, centrados em temas de fôlego e assentes na profundidade do tratamento jornalístico. No entanto, importa lembrar que a reportagem tem um carácter híbrido, uma vez que “enquanto género jornalístico, atravessa um campo que é muitas vezes povoado por outras modalidades de discurso, nem sempre de carácter exclusivamente jornalístico” (Neves, 2007, p. 19). É por isso que por vezes é difícil definir este género, pela permeabilidade que apresenta.

Num artigo sobre a realização de reportagens no contexto do jornalismo de proximidade, Tatiana Melo e Telmo Silva (2016, pp. 93-94), realçam as mudanças que se verificaram na produção das reportagens televisivas no contexto nacional.

“No caso da reportagem televisiva e no contexto português, esta surgiu com o aparecimento da RTP. Porém, com técnicas bastante distintas das atuais, nomeadamente o facto de só o operador de câmara se dirigir ao local, ficando o jornalista na redação (Melo & Silva, 2016, pp. 93-94).

Segundo Cárilda Emerim (2010), o processo de produção era lento, as imagens demoravam a chegar à redação e as peças eram realizadas perto do horário dos telejornais. A evolução tecnológica alterou grande parte do processo, permitindo uma melhoria das condições técnicas de produção das reportagens. Apercebendo-se do valor que as reportagens podiam ter, ao “oferecerem ao público uma visão diferente de determinado acontecimento” (Melo & Silva, 2016, p. 94), as reportagens passaram a ser consideradas como um dos conteúdos jornalísticos mais importantes. Os repórteres de imagem passaram a fazer-se acompanhar dos jornalistas no trabalho de campo, e muitas vezes o processo envolvia mesmo uma terceira pessoa, o editor de imagem, responsável pelo processo de pós-produção da reportagem.

Este tipo de “reportagens de curta duração”, também chamadas de “peças de telejornal” ou “peças televisivas”, trata-se de trabalhos curtos, com duração entre os 1’20 e os 1’50, e cujo tratamento se caracteriza pela condensação da informação, cingindo-se à partilha dos detalhes mais relevantes e pertinentes de um acontecimento. Esta seleção de informação, bem como o tratamento jornalístico, podem variar em função dos jornalistas e de critérios editoriais. “No processo de expansão do facto, a reportagem pode aprofundar-se mais ou menos, de acordo com a estratégia editorial e as opções do jornalista na investigação dos factos e na posterior narração dos mesmos” (Santos, 2009, p. 25).

A falta de profundidade no tratamento jornalístico é um dos principais aspectos que caracteriza este género jornalístico, mas é também esta dimensão que abre espaço para que se desenvolvam trabalhos através de outros géneros jornalísticos. Neste contexto, de acordo com a classificação de Jespers (1998) é preciso considerar que existem quatro variações ou sub-géneros da reportagem: “a reportagem de atualidade”, “a Grande Reportagem”, “o inquérito” e “o documentário de criação”. Neste contexto, as Grandes Reportagens surgem como o género jornalístico que vem suprir a necessidade de aprofundamento da informação, além de darem espaço para a criatividade, uma vez que se podem abordar temas que não fazem parte da agenda noticiosa diária. “A grande reportagem opera segundo o método da sinédoque: mostra e faz sobressair um caso, uma situação, um problema particular, com o objetivo de dar a conhecer uma situação” (Jespers, 1998, p. 168). Jean-Jacques Jespers (1998) classifica ainda a Grande Reportagem como tópica ou intensiva. Tópica quando “concentra a atenção sobre uma situação, um fenómeno ou um acontecimento determinado”, e intensiva, quando “trata os assuntos em profundidade e aborda várias facetras” (Jespers, 1998, p. 168).

A Grande Reportagem é precisamente o eixo central deste trabalho. Depois desta contextualização inicial, no ponto seguinte destaca-se a importância deste género jornalístico, sobretudo num tempo dominado pelo imediatismo televisivo. Perante “a imposição do imediatamente visível e a dependência

absoluta de conteúdos visuais que remetam para uma construção da realidade a partir da aparência e do sensível” (Sá, 2019, p. 30), defende-se a necessidade de pensar em conteúdos que apostem na qualidade e no tratamento aprofundado dos temas.

### **O desafio de produzir Grandes Reportagens no tempo do imediatismo televisivo**

Um dos principais obstáculos que se coloca ao desenvolvimento de Grandes Reportagens no meio televisivo está relacionado com o imediatismo, entendido “como um conceito temporal que se refere ao espaço de tempo (dias, horas e segundos) que decorre entre o acontecimento e o momento em que a notícia é transmitida, dando existência a esse acontecimento” (Traquina, 2002, p. 147). Neste meio de comunicação, este conceito é muito valorizado, o direto, a rapidez com que se transmite uma notícia, é um dos pilares do jornalismo televisivo. A verdade é que “as técnicas modernas do audiovisual permitiram diminuir consideravelmente o lapso de tempo entre a ocorrência de um acontecimento e o momento da sua “exibição”” (Jespers, 1998, p. 65). No entanto, é este imediatismo que, na perspectiva de Jean-Jacques Jespers (1998), acaba por constituir uma das principais limitações do jornalismo televisivo, na medida em que é preciso avaliar de que forma assuntos mais complexos, que necessitam de investigação e tempo para serem produzidos, podem ser abordados por um meio de comunicação que preza a rapidez de processos.

Se é verdade que “a presença ubíqua de informação na sociedade contemporânea tem conduzido a uma rápida alteração de comportamentos” (Serra, Sá & Filho, 2015, p. 1), não só dos produtores, mas também dos recetores, a principal consequência da ubiquidade acaba por ser a perda de qualidade nos conteúdos. Como lembra Julia Cagé, professora de Economia no *Institut d'Études Politiques* de Paris (*Sciences Po*), esta é a época da abundância informativa, mas é também o momento em que os meios de comunicação enfrentam mais problemas. O paradoxo explica-se facilmente, se pensarmos na necessidade de publicação contínua e incessante que acompanha a

grande maioria dos meios de comunicação contemporâneos, que acreditam que rapidez e lucro estão sempre associados (Cagé, 2016, p. 14).

Esta aposta na rapidez, que surge no contexto de uma lógica de concorrência, em que a informação passou a ser considerada como uma mercadoria, é um dos principais obstáculos ao desenvolvimento de Grandes Reportagens, uma vez que estes conteúdos são pautados por um tempo que não é o do jornalismo diário. O valor de uma Grande Reportagem Televisiva não se pode medir em termos financeiros, desde logo porque não é visível nos números das audiências do dia seguinte. Neste contexto importa refletir sobre a possibilidade de se produzirem Grandes Reportagens “em tempos de escassez económica e de dúvida persistente sobre o futuro” (Coelho, 2015, p. 115).

A este propósito, Pedro Coelho, jornalista televisivo, professor universitário e investigador, lembra Pierre Bourdieu e o conceito de “mentalidade rating” (1926, p. 26), para realçar que apesar desta ser ainda a lógica que domina em muitas redações, nomeadamente do meio televisivo, é impossível não ser “sensível às audiências massivas que produtos de grande informação insistentemente geram” (Coelho, 2015, p.115). Apesar de num tempo e num espaço quase sempre distintos do ritmo diário, a verdade é que existe lugar para os conteúdos de qualidade na era do imediatismo e o lucro que estes produzem, apesar de não ser financeiro, é muitas vezes social (Coelho & Silva, 2018).

No entanto, a ubiquidade informativa, e sobretudo o imediatismo que caracteriza o meio televisivo, coloca grandes desafios ao desenvolvimento de Grandes Reportagens Televisivas. Numa época em que o número de jornalistas por meio de comunicação continua a diminuir, disponibilizar recursos para realizar trabalhos que podem levar a meses de recolha e tratamento de informação, pode ameaçar o equilíbrio e a estabilidade de uma redação. O baixo valor que alguns profissionais ainda atribuem a estes trabalhos de fundo, contribui para a redução de recursos que são colocados ao dispor dos jornalistas que decidem investigar e não aceitar apenas o que lhes é dito pelas fontes oficiais. Se é verdade que existem meios de comunicação social

que continuam a apostar nas Grandes Reportagens, só é possível quebrar definitivamente com as lógicas do imediatismo televisivo, se o papel dos profissionais que desenvolvem esses trabalhos for também reconhecido. Micael Pereira, jornalista do semanário Expresso, revelou, numa entrevista à revista *Jornalismo & Jornalistas*, que “as pessoas têm um quase total desconhecimento sobre a profissão e muitas vezes têm má impressão dos jornalistas, acham que as notícias nos caem no colo”. O profissional defende por isso que é “importante mostrar que o jornalista se esforçou, deu tudo, investiu muito tempo, bateu a muitas portas... Mostrar a forma séria como tentamos chegar à verdade contribui para a nossa credibilidade” (2016, p. 14). Apesar das ameaças que a produção incessante e o consumo veloz colocam às Grandes Reportagens Televisivas, continua a existir tempo e espaço para estes conteúdos, que constituem já uma marca de determinados órgãos de comunicação, como se verá mais à frente neste trabalho.

### **A serialização enquanto “estratégia narrativa” da Grande Reportagem Televisiva**

No ponto anterior destacou-se o impacto que a falta de profissionais e o imediatismo podem ter na produção de trabalhos jornalísticos em profundidade. Neste contexto, importa perceber que estruturas, modelos e tendências têm marcado a produção de Grandes Reportagens Televisivas, num “campo editorial que é hoje atravessado “pelo espectro do aborrecimento dos leitores e da lassidão dos telespectadores”” (Jack, 2016, p. viii apud Coelho & Silva, 2018, p. 78), e em que os “produtores de conteúdos informativos estabelecem compromisso com a surpresa, com o drama, com a provocação, com o interesse humano” (Coelho & Silva, 2018, p.78), como forma de conquistar audiências.

Tenta-se assim analisar o contexto em que têm sido produzidas as Grandes Reportagens Televisivas, mas sobretudo em que espaços são emitidas. Continua a existir espaço nos principais noticiários televisivos para estes conteúdos? Que estratégias têm sido utilizadas nos noticiários para poder acolher estes trabalhos jornalísticos? É necessário produzir pro-

gramas dedicados exclusivamente a estes conteúdos de investigação? Estas são algumas das perguntas que guiam este caminho de descoberta das novas estratégias narrativas utilizadas na divulgação de Grandes Reportagens Televisivas.

Pensar nas Grandes Reportagens Televisivas enquanto conteúdos de longa duração, é também pensar no impacto que um conteúdo mais extenso pode ter numa grelha de programação, sobretudo pensando, como se viu no ponto anterior, no imediatismo que caracteriza o meio televisivo, mas também naqueles que são os conteúdos que dominam na televisão.

“(…) atualmente, a televisão é dominada por programa de temporalidades curtas e amontoadas, como as notícias, as publicidades, as promoções, os videoclipes. Mesmo programas longos, como os talk-shows, vivem de uma variedade enorme de assuntos, onde cada tema e entrevistados dispõem de um tempo de permanência em cena cada vez mais curto” (Godinho, 2004, p. 656).

A falta de tempo que impera no meio televisivo, aliada à necessidade de rentabilizar o investimento que é feito nos conteúdos, produziu alterações consideráveis nas grelhas de programas e em particular nos noticiários televisivos, o que acabaria por afetar a emissão de trabalhos de longa duração como as Grandes Reportagens.

Durante vários anos as Grandes Reportagens tinham como espaço de emissão privilegiado o noticiário televisivo, sobretudo no horário da noite, o chamado horário nobre. Mas aos poucos o panorama informativo foi-se transformando, os telejornais passaram a integrar todo o tipo de conteúdos, muitos deles pouco ou nada informativos, numa lógica em que informação e entretenimento se misturam. Esta nova aposta, com recurso “a estratégias discursivas normalmente associadas ao entretenimento” (Coelho, 2015, p. 115), contribuiu para um prolongamento dos noticiários televisivos e uma nova forma de abordar a transmissão de Grandes Reportagens. Esses trabalhos jornalísticos, que até esse momento eram emitidos, de modo integral, no âmbito dos noticiários ou como extensão destes, passaram a ser divididos

em partes ou episódios. Esta nova tendência, que aproxima os conteúdos informativos de produtos ficcionais, ficou conhecida como a estratégia de serialização que procurava sobretudo rentabilizar o investimento feito neste tipo de trabalhos jornalísticos. Neste contexto, “falar em produção em série significa, sobretudo, falar na produção em larga escala que otimiza a relação entre produção e lucro numa formatação da indústria cultural a partir do modelo de mercado surgido com a revolução industrial” (Araújo, 2011, p. 2). Se um dos maiores obstáculos que se colocava à prática do jornalismo de investigação no quadro das Grandes Reportagens passava pelos custos de produção, a serialização surgia neste contexto como uma alternativa. A lógica que se impunha passava então pela produção de mais episódios a partir de um mesmo conteúdo, como forma de potencializar os lucros. Mais episódios geravam também mais audiências e mais audiências gerariam mais dinheiro. A lógica comercial por detrás desta opção é fácil de perceber, mas a estratégia pode também ser entendida como uma forma de ajudar na simplificação dos temas mais complexos, ou seja, de contribuir para melhorar a compreensão dos espectadores em relação a um determinado tema ou assunto.

A opção pela emissão de Grandes Reportagens através de episódios é um recurso adaptado do campo ficcional e surge no jornalismo enquadrado num conjunto mais vasto de estratégias de inovação, que pretendem transformar as narrativas jornalistas, nomeadamente ao nível das relações com os espetadores.

“O jornalismo tem historicamente privilegiado formatos narrativos que apostam na concisão, na clareza e no foco, com o objetivo de propiciar ao público um instrumento imediato de conhecimento, debate e intervenção cívicas. Ao invés, a serialização é uma estratégia narrativa desenvolvida por alguns géneros dentro da literatura de ficção que privilegia a duração da ligação criada com os leitores, valorizando mais os recursos expressivos do que os usos informativos ou performativos da linguagem” (Baptista, 2018, p. 97).

A utilização desta estratégia pode levantar dúvidas precisamente na medida em que mais do que esclarecer o espetador, o que se pretende é fixá-lo ao ecrã, torná-lo um seguidor de um conteúdo informativo, tal como acontece com os conteúdos ficcionais.

O recurso a esta estratégia narrativa levanta dúvidas sobretudo porque aquele que poderia ser um objetivo legítimo, o de simplificar um determinado assunto através de produção de uma Grande Reportagem dividida em partes, acaba por transformar-se num mecanismo para prender os espetadores. São precisamente estas questões que se procuram explorar nas entrevistas realizadas com os profissionais.

### **Metodologia e desenho da investigação**

Depois de na primeira parte do trabalho se ter procedido à revisão da literatura, inicia-se esta segunda parte com a explicação do desenho da investigação. Neste estudo a opção recaiu sobre a utilização de uma metodologia de tipo misto, combinando métodos e técnicas de recolha de dados quantitativas e qualitativas, o que permitiu um aprofundamento do problema em estudo. Escolhida a abordagem, procedeu-se de seguida à seleção das amostras a estudar, que neste caso passam pela identificação das Grandes Reportagens Televisivas a analisar e dos profissionais a entrevistar.

No processo de seleção das Grandes Reportagens Televisivas, consideraram-se todos os trabalhos produzidos a partir do ano de 2008 e até 2018, disponibilizados nos sites oficiais de cada um dos canais de televisão, RTP1, SIC e TVI, considerando em particular os espaços e os programas identificados como de Grande Reportagem<sup>2</sup>. Neste contexto importa referir que foram consideradas não apenas as Grandes Reportagens que integram os serviços noticiosos, mas também os programas dedicados a este género

2. Sites: “Em Reportagem” (RTP) [url] <https://www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p20716>; “Linha da Frente” (RTP) [url] <https://www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p36585>; “Sexta às 9” (RTP) [url] <http://www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p28597>; “Grande Reportagem SIC” (SIC) [url] <https://sicnoticias.pt/programas/reportagensic>; “Repórter TVI” (TVI) [url] <https://tviplayer.iol.pt/programa/reporter-tvi/53c6b3483004dc006243bd77>; “Ana Leal” (TVI) [url] <https://tvi24.iol.pt/equipatvi24/ana-leal/53f614203004bbf68d25ab7d>; “Alexandra Borges” (TVI) [url] <https://tviplayer.iol.pt/programa/alexandra-borges/5c4b427d0cf2adafd003503a>

jornalístico que podem ou não integrar os noticiários de cada uma das estações (ver Tabela 1).

Tabela 1. Programas considerados para a seleção da amostra de Grandes Reportagens

Canal televisivo	Programas/Espaços nos Noticiários	Período de exibição
RTP1	Em Reportagem	2008 - 2009
	Linha da Frente	2009 - 2018 *
	Sexta às 9	2011 - 2018 *
SIC	Grande Reportagem SIC	2008 - 2018 *
TVI	Repórter TVI	2008 - 2018 *
	Ana Leal	2018 - 2018 *

\* Programas que continuavam a ser emitidos no momento da análise

Através do levantamento efetuado nos sites de cada um dos canais generalistas e considerando os diferentes programas, foi possível identificar um total de 1172 reportagens produzidas entre 2008 e 2018. Importa realçar, uma vez mais, que este número resulta de um levantamento efetuado única e exclusivamente através dos sites dos canais e que, nesse sentido, podem existir outros trabalhos que não sendo disponibilizados online, acabam por não fazer parte desta amostra. Os trabalhos identificados foram de seguida analisados através de um conjunto de critérios, que não procuraram analisar o conteúdo jornalístico propriamente dito, mas os elementos formais que ajudam a caracterizá-los em relação aos restantes conteúdos informativos. Cada uma das Grandes Reportagens foi assim categorizada tendo em conta as seguintes variáveis: a) canal de televisão; b) data; c) duração; e) título; f) categoria temática; g) subcategoria temática; h) categoria geográfica; i) espaço ou programa de exibição; j) autoria.

Já no que diz respeito aos profissionais, a opção passou pela seleção de jornalistas que tivessem realizado pelo menos uma Grande Reportagem no ano de 2018 num dos programas/espacos/noticiários analisados. Apesar de algumas limitações no contacto com os jornalistas, o que afetou o tamanho da amostra, foi possível entrevistar nove profissionais, três por cada um dos canais generalistas de televisão (ver Tabela 3).

Tabela 3. Breve caracterização dos jornalistas entrevistados por canal televisivo

Canal televisivo	Jornalistas	Idade	Anos de carreira	Anos como jornalista no canal televisivo
RTP1	Jacinto Godinho	55	31	31
	José António Pereira	25	5	4
	Luís Loureiro	50	27	22 (4 no programa “Sexta as 9”)
SIC	Carlos Rico	53	33	26
	Pedro Coelho	52	30	27
	Diana Matias	35	13	18 (5 como Produtora editorial do programa “Grande Reportagem SIC”)
TVI	Alexandra Borges	50	29	19
	Rolando Santos	46	18	16
	Paulo Salvador	54	30	26

A realização de entrevistas com os profissionais teve como objetivo a recolha de informações sobre as tendências, estruturas e modelos das Grandes Reportagens Televisivas. O modo de realização das entrevistas variou de acordo com a disponibilidade em termos de agenda de cada um dos entrevistados e a possibilidade de marcar encontros presenciais com os jornalistas. Nesse sentido, das nove entrevistas, três foram realizadas presencialmente, uma por telefone e as restantes por e-mail. Em termos de análise, depois de se proceder à transcrição das entrevistas, procedeu-se a uma análise centrada na exposição e confrontação entre as opiniões dos jornalistas entrevistados. Nos pontos seguintes serão apresentados alguns dos principais resultados obtidos, quer com a análise de conteúdo, quer através das entrevistas realizadas.

### **Apresentação e discussão dos resultados**

Neste momento apresentam-se os principais resultados da investigação, recordando que o trabalho procurou analisar não apenas a produção de Grandes Reportagens, mas também recolher dados junto dos jornalistas que as realizam. No primeiro momento expõem-se os principais dados obtidos

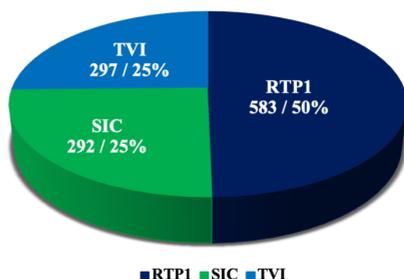
com o levantamento efetuado das Grandes Reportagens Televisivas nos websites dos três canais generalistas de televisão em Portugal. Com base na grelha de análise elaborada, apresentam-se as principais tendências no que diz respeito à produção de Grandes Reportagens Televisivas nos últimos dez anos. No momento seguinte apresentam-se os dados mais relevantes das entrevistas efetuadas com os jornalistas responsáveis pelos trabalhos jornalísticos, mas também Coordenadores de programas de Grande Reportagem.

### **As Grandes Reportagens Televisivas nos três canais generalistas portugueses (2008-2018)**

Através do levantamento efetuado nos sites dos três canais generalistas de televisão foi possível identificar um total de 1172 Grandes Reportagens Televisivas produzidas entre 2008 e 2018. O período considerado para a análise, uma década, permite compreender a evolução quanto à produção deste género jornalístico, mas também importantes mudanças no que diz respeito, por exemplo, à duração e à temática dos trabalhos realizados.

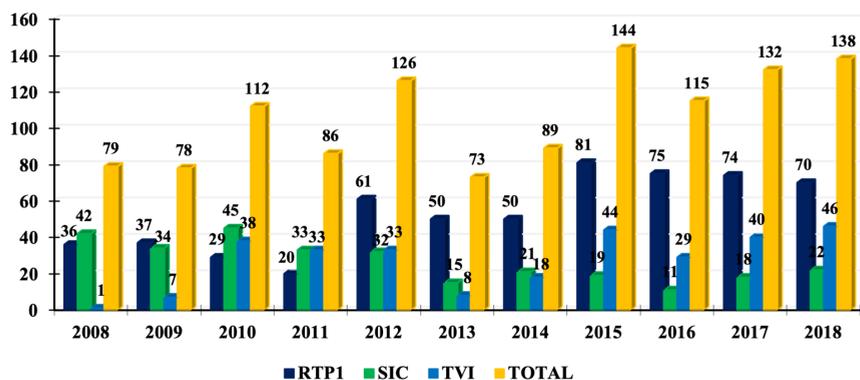
No período analisado e através da informação disponível e a que foi possível aceder nos sites dos canais de televisão, verificou-se que o canal público de televisão foi aquele que produziu o maior número de Grandes Reportagens Televisivas, enquanto que os dois principais canais privados surgem praticamente lado a lado no que diz respeito ao número de trabalhos deste género (Gráfico 1).

**Gráfico 1. Distribuição do número total de Grandes Reportagens por canal de televisão**



Estes dados podem explicar-se através de uma análise dos espaços onde são emitidas as Grandes Reportagens Televisivas, no contexto dos noticiários ou em programas autónomos, como veremos mais à frente, mas que no fundo resultam de estratégias e opções distintas. Nesse sentido, o número superior de trabalhos do canal público pode ficar a dever-se ao facto de a estação ter apostado, no período temporal analisado, em dois programas dedicados em exclusivo à produção de trabalhos de Grande Reportagem (“Linha da Frente” e “Sexta às 9”) sendo que um deles representa também uma forte aposta no jornalismo de investigação.

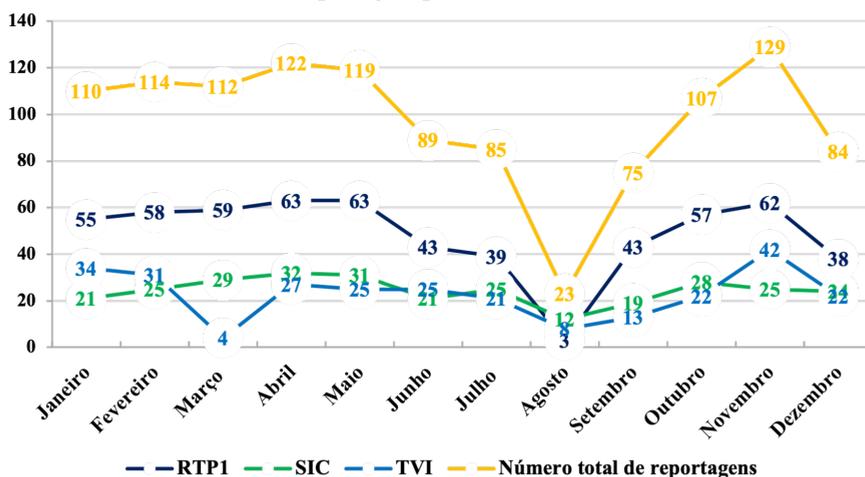
**Gráfico 2. Número de Grandes Reportagens por ano e canal de televisão**



Através da análise do gráfico percebe-se que em termos totais existe um crescimento ao nível da produção de Grandes Reportagens Televisivas entre 2008 e 2018, com pequenas quebras sobretudo no ano de 2013. Observa-se também uma variação constante no número de Grandes Reportagens realizadas por ano em cada uma das estações televisivas. É possível perceber que entre 2008 e 2010 a produção de Grandes Reportagens foi crescente, baixando consideravelmente no ano de 2011. Contudo, em 2012 esta produção cresce exponencialmente, sobretudo na RTP1. Em 2013 e 2014 percebe-se um novo decréscimo na produção deste tipo de conteúdo, mas entre 2015 e 2018 o número mantém-se equilibrado, sendo 2015 o ano em que se produziram mais reportagens a nível geral, entre os três canais generalistas.

Na análise dos dados deve-se ainda considerar o facto de o número de reportagens se poder alterar em função da produção de trabalhos de maior dimensão que são posteriormente divididos em episódios e a sua exibição ser feita no decorrer de várias semanas. Por outro lado, não se pode ignorar que a crise financeira que afetou o país, sobretudo entre 2010 e 2014, e que também se fez sentir ao nível dos meios de comunicação, pode de alguma forma ajudar a explicar um desinvestimento num género jornalístico que implica a utilização de um maior número de recursos, quer humanos, quer materiais. Para além da distribuição por ano, considerou-se também a distribuição das Grandes Reportagens por mês e canal de televisão (Gráfico 3).

**Gráfico 3. Distribuição do número total de Grandes Reportagens por mês e canal de televisão.**



Através do gráfico observa-se que o maior pico de Grandes Reportagens Televisivas ocorre no mês de novembro, seguindo-se os meses de maio e abril. Já o pico mais baixo nota-se maioritariamente durante os meses de verão, nomeadamente em julho, e principalmente em agosto, mas também em setembro. Por canal, a RTP1 realizou mais Grandes Reportagens ao longo dos dez anos, durante os meses de abril e maio, bem como a SIC.

Já a TVI apresenta maior número de Grandes Reportagens nos meses de novembro e janeiro.

Depois de se ter analisado a distribuição das Grandes Reportagens produzidas por cada canal de televisão nos últimos dez anos, avança-se na apresentação dos dados com os resultados relativos à duração das Grandes Reportagens. Estes dados são particularmente importantes, sobretudo tendo em conta que um dos objetivos do trabalho passa pela análise das estruturas e modelos de produção das Grandes Reportagens Televisivas. Mas a sua importância advém também do facto de se ter considerado que a adoção de novos formatos, nomeadamente com a tendência para a serialização, são dimensões que podem estar a transformar a forma como as Grandes Reportagens são produzidas. Neste sentido, através da observação dos dados verifica-se que nos últimos dez anos a duração média das Grandes Reportagens rondou os 33 minutos e 17 segundos, sendo a moda, ou seja, o tempo que maior número de trabalhos jornalísticos apresentou, de 30 minutos. Já na análise individualizada de cada um dos canais de televisão pode-se observar alguma variação dos resultados. Assim, no canal público de televisão a duração média das Grandes Reportagens é de 35 minutos. Neste canal televisivo, a reportagem mais curta teve a duração de 20 minutos e a mais longa de 54 minutos. Na SIC, por sua vez, a duração média dos trabalhos jornalísticos foi de 33 minutos, tendo a Grande Reportagem mais curta 15 minutos e a mais longa 45 minutos. Por fim, na TVI, a duração média das Grandes Reportagens analisadas é de 28 minutos. A Grande Reportagem mais curta teve 13 minutos e a mais longa contou com 40 minutos.

Para além da duração das Grandes Reportagens os dados permitem ainda observar como a produção e exibição de Grandes Reportagens através de episódios se tem intensificado. Entre 2008 e 2018 verifica-se, através dos dados recolhidos nos sites dos canais de televisão, que 36 Grandes Reportagens foram produzidas e exibidas por partes ou episódios. Esta opção pela divisão de Grandes Reportagens em partes ou episódios parece ser

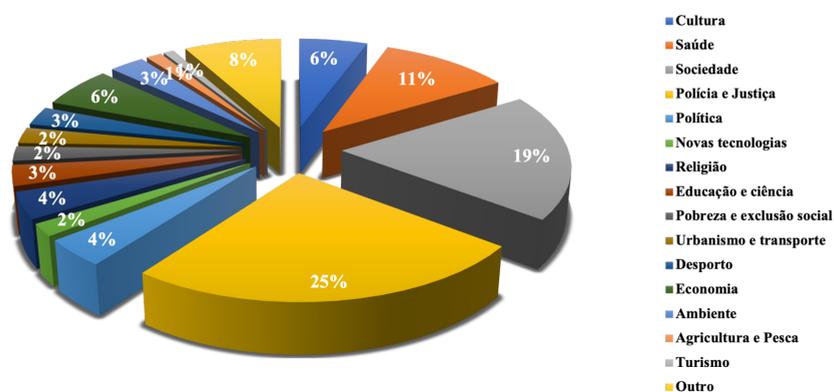
uma tendência sobretudo dos dois canais privados (na RTP1 apenas três reportagens foram emitidas por episódios). No caso da SIC, desde 2013 que se regista a emissão de Grandes Reportagens por partes (nesse ano essa opção foi tomada com duas Grandes Reportagens e através de 9 episódios), mas a tendência intensificou-se em 2017 e sobretudo em 2018, com sete Grandes Reportagens a serem emitidas através de 18 episódios nos dois anos. O primeiro canal de televisão privado opta na maioria das Grandes Reportagens por dividir os trabalhos jornalísticos entre dois e três episódios. Já na TVI é sobretudo a partir de 2016 que se regista a opção de emitir reportagens por partes ou em episódios. Assim, entre 2016 e 2018 contabilizaram-se 16 reportagens a serem exibidas através deste formato, num total de 42 episódios. No caso do segundo canal privado português a opção recai quase sempre por dividir o trabalho jornalístico em dois episódios e as exceções dizem respeito a trabalhos classificados como séries informativas (como por exemplo o trabalho “Segredo dos Deuses” que contou com 10 episódios).

Se parece existir uma tendência de serialização das Grandes Reportagens Televisivas, sobretudo nos últimos anos, os motivos por detrás desta opção não são óbvios e as entrevistas com os jornalistas são por isso determinantes para se perceber se se trata de uma efetiva escolha ou simplesmente de uma forma de conseguir aprofundar os temas, dando ao telespectador mais e melhor informação. Mas antes de se considerarem os dados que foram recolhidos com a realização das entrevistas, apresentam-se aquelas que foram as principais temáticas das Grandes Reportagens que fazem parte da nossa amostra.

Os dados do gráfico 4 permitem constatar que o principal tema das Grandes Reportagens que fazem parte da amostra é a “Polícia e a Justiça” (25%). Destaque ainda para a “Sociedade” (19%), a “Saúde” (11%), a “Economia” (6%) e a “Cultura” (6%) como as temáticas que mais são trabalhadas através deste género jornalístico. Importa neste ponto realçar que nem sempre é fácil identificar as temáticas centrais de uma Grande Reportagem, uma vez que num mesmo trabalho se podem encontrar diferentes temas. Ainda assim,

as temáticas apresentadas são aquelas que se destacam enquanto temas principais, ou seja, aquelas que dominam grande parte da história contada nas Grandes Reportagens Televisivas analisadas. Para esta classificação considerou-se não apenas o título do trabalho, mas também a sua sinopse e outros dados que constam da ficha técnica. Nos casos de maior dúvida procedeu-se à visualização das Grandes Reportagens.

**Gráfico 4. Distribuição do número total de Grandes Reportagens por tema**

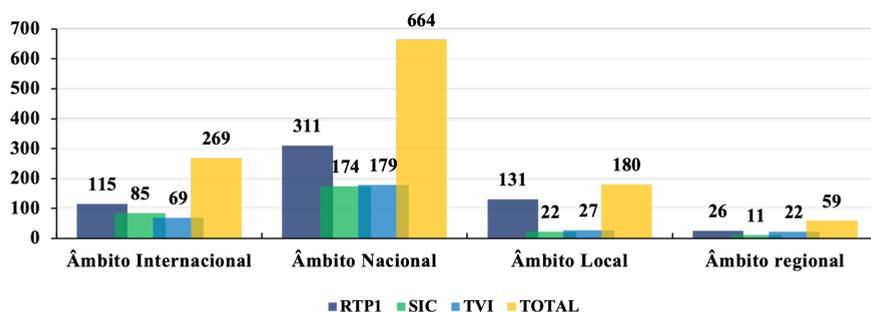


Os resultados indicam que a principal temática trabalhada pelas Grandes Reportagens foi a “Polícia e Justiça”, o que se pode explicar tendo em conta os vários casos de corrupção que nos últimos anos foram dados a conhecer, nomeadamente pelos meios de comunicação. É ainda interessante verificar que muitos destes casos estão relacionados com outra das temáticas que surge destacada, a “Economia”, resultado dos vários trabalhos jornalísticos produzidos sobre os problemas das entidades bancárias em Portugal. No canal público de televisão o destaque vai para os trabalhos jornalísticos que têm a “Polícia e a Justiça” como tema. Já nos dois canais privados, SIC e TVI, destaca-se o tema “Sociedade” como o de maior relevância na produção de Grandes Reportagens no período analisado. Importa ainda realçar que é na SIC que se encontra o maior número de trabalhos tendo como tema a “Saúde”, e que os temas culturais estão presentes em maior número de

reportagens na TVI. Os dados permitem ainda constatar que trabalhos com o tema “Polícia e Justiça” aumentaram sobretudo a partir de 2014. De 14 Grandes Reportagens com este tema em 2013, o número subiu para 26 em 2014, 30 em 2015, 40 em 2016, 47 em 2017 e 58 em 2018.

No seguimento da análise dos dados, considerou-se também a dimensão geográfica em que se inserem os diferentes trabalhos jornalísticos (Gráfico 5). Sem grandes surpresas observa-se que o maior número de trabalhos aborda assuntos que se inserem no contexto nacional. Se nos três canais generalistas as Grandes Reportagens são, maioritariamente, de âmbito nacional, importa ainda destacar o número de trabalhos cujo abordagem é de âmbito internacional. De igual modo verifica-se que são poucas as Grandes Reportagens com abordagens locais e regionais. No cruzamento com as temáticas não se verificam mudanças em função da geografia, ou seja, os temas mais abordados manifestam-se de igual forma em todas as categorias geográficas.

**Gráfico 5. Distribuição do número total de Grandes Reportagens por geografia e canal de televisão**

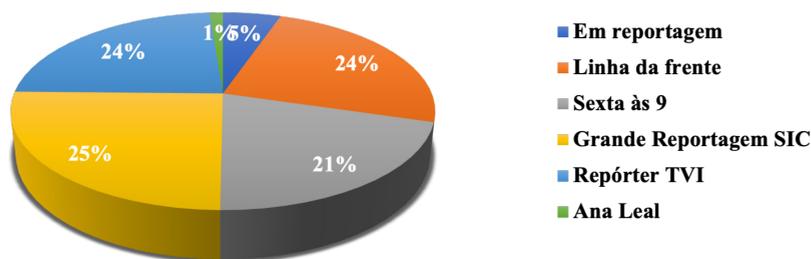


Na análise das Grandes Reportagens Televisivas que fazem parte da amostra, considerou-se também o espaço no qual são exibidos os trabalhos jornalísticos. Se os dados expostos anteriormente apontam no sentido de existir uma tendência de emissão de conteúdos através de episódios, já ao nível do espaço onde são exibidas as Grandes Reportagens, continua a

existir uma grande ligação aos noticiários, apesar de alguns canais de televisão terem já criado espaços autónomos para o jornalismo de investigação e as Grandes Reportagens. Das 1172 Grandes Reportagens consideradas neste trabalho, 58% foram emitidas fora do noticiário, ainda que logo a seguir a este. As restantes 42% foram exibidas no âmbito do noticiário da noite. Esta separação nem sempre é fácil de fazer, desde logo porque os programas onde são emitidas as Grandes Reportagens, apesar de autónomos, estão muitas vezes ligados aos noticiários. Ainda assim, existem diferenças entre canais que importa assinalar. No caso da SIC, é no programa “Grande Reportagem SIC”, que integra o “Jornal da Noite”, que 92% dos trabalhos foram exibidos, sendo emitidos fora deste espaço, apenas um número reduzido de trabalhos. Já na TVI, no contexto do “Jornal das 8” foram emitidas 80% das Grandes Reportagens da amostra, sendo apenas 20% exibidas em programa autónomo.

Neste ponto importa lembrar que, com exceção do programa “Grande Reportagem SIC”, os restantes canais procederam a alterações nos programas dedicados a este género jornalístico, transformações que passaram por mudanças ao nível do nome, mas também da integração nos noticiários. No caso do canal público de televisão, por exemplo, o espaço “Em Reportagem” foi durante alguns anos o principal espaço para a exibição das Grandes Reportagens produzidas no canal. Posteriormente foram criados os programas “Linha da Frente” e “Sexta às 9”, onde passaram a ser emitidas as Grandes Reportagens, mas também a ser desenvolvidos, no caso do “Sexta às 9”, outros trabalhos ao nível do jornalismo de investigação. Na TVI, para além do “Repórter TVI”, que integra o “Jornal das 8”, foram criados programas autónomos dedicados à investigação jornalística, nomeadamente programas que tiveram os nomes das jornalistas que os coordenavam “Ana Leal” e “Alexandra Borges”.

**Gráfico 6. Distribuição das Grandes Reportagens por programas/espços nos noticiários**



No gráfico pode-se observar que entre as Grandes Reportagens analisadas, 240 (21%) foram produzidas no âmbito do programa “Sexta às 9” e 265 no programa “Linha da Frente” (24%). No contexto do espaço “Em reportagem” foram identificadas 55 Grandes Reportagens (5%). Na SIC, que tem mantido ao longo do tempo o seu espaço “Grande Reportagem SIC”, foram exibidas 290 Grandes Reportagens (25%) no período em análise e de acordo com os dados recolhidos através da página do espaço noticioso no site do canal. Por fim, no espaço “Repórter TVI”, que integra o noticiário da noite da estação privada, foram realizadas 260 Grandes Reportagens (24%).

Neste contexto a primeira estação privada portuguesa é um caso particular pelo facto de continuar a apostar num espaço de Grande Reportagem que surge integrado no “Jornal da Noite”. Esta tendência de criar programas autónomos para o jornalismo de investigação e para as Grandes Reportagens, juntamente com a forma como estes conteúdos jornalísticos são promovidos e como após a sua exibição surgem novos programas de debate sobre os mesmos, são dimensões que foram abordadas no decorrer das entrevistas.

Para terminar a apresentação dos dados recolhidos sobre as Grandes Reportagens Televisivas que fazem parte da amostra e que foram realizadas pelos três canais generalistas, analisaram-se de forma breve as questões relacionadas com a autoria dos trabalhos, ou seja, tentou-se identificar os jornalistas que assinam mais Grandes Reportagens Televisivas no período analisado.

Tabela 6. Jornalistas com maior número de trabalhos entre as Grandes Reportagens analisadas

Canal televisivo	Jornalistas	Número de reportagens identificadas assinadas pelos jornalistas
RTP	Mafalda Gameiro	50
	Patrícia Lucas	37
	Jorge Almeida	30
	Sandra Videirinho	29
	Armando Seixas Ferreira	25
	Berta de Freitas	22
	Rita Ramos	15
	Mafalda Gameiro	50
SIC	Pedro Coelho	44
	Miriam Alves	37
	Carlos Rico	27
	Cristiana Boavida	21
	Cândida Pinto	19
	Sofia Arêde	18
	Susana André	16
TVI	Ana Leal	48
	Alexandra Borges	37
	Conceição Queiroz	23
	Victor Bandarra	22
	Paulo Salvador	14

As Grandes Reportagens resultam sempre de um trabalho de equipa, mas a verdade é que há jornalistas, em cada um dos canais, que ao longo dos anos se tornaram nomes de referência no que diz respeito a este género jornalístico. Na tabela são identificados alguns que pelos trabalhos que têm desenvolvido e até pelas distinções que têm recebido, podem ser considerados como os profissionais que mais tem desenvolvido trabalhos na área da Grande Reportagem.

Apresentados os principais dados que foram recolhidos em relação às Grandes Reportagens realizadas pelos três canais de televisão generalistas,

no ponto seguinte apresentam-se algumas das respostas dadas pelos jornalistas nas entrevistas realizadas. Sendo impossível apresentar a totalidade dos dados recolhidos, a opção recaiu na apresentação de respostas que permitam estabelecer um cruzamento com os resultados da análise feita às Grandes Reportagens disponibilizadas nos sites dos três canais de televisão generalistas.

### **As percepções dos jornalistas sobre as estruturas e modelos das Grandes Reportagens**

As opiniões dos jornalistas entrevistados variam quando se fala de modelos e características das Grandes Reportagens, desde logo no que diz respeito à duração. Para quatro dos jornalistas entrevistados, atualmente uma Grande Reportagem tem em média 30 minutos, longe dos 50 minutos que os trabalhos tinham nos anos 90. Apesar deste ser o tempo médio dos trabalhos, os jornalistas realçam que não devem existir limites no que diz respeito à duração. Para alguns existe, no entanto, um modelo comum de Grande Reportagem, enquanto que para outros não existem nem modelos, nem mesmo referências a ser seguidas, uma vez que são os assuntos tratados que acabam por definir as características do trabalho jornalístico.

Entre os jornalistas que defendem que não existe um modelo de Grande Reportagem a ser seguido, encontram-se Paulo Salvador (TVI) e Diana Matias (SIC), que acreditam que o importante numa Grande Reportagem não é medido pela duração ou formato da mesma, mas sim pela profundidade da abordagem. Diana Matias realça ainda a flexibilidade das Grandes Reportagens como uma importante característica, não podendo por isso falar-se de um modelo único. Luís Loureiro, por sua vez, revela que existe um modelo-comum, com o qual não concorda. Para o jornalista da RTP, a estrutura atual da Grande Reportagem, aplicada 99% das vezes, baseia-se no “off/entrevista, off/entrevista, off/entrevista, off/entrevista”. O jornalista defende que a Grande Reportagem não tem de ser orientada só pela entrevista e o *off* do jornalista. Luís Loureiro realça que é preciso que “contemos uma história tal como a história pede para ser contada e isto significaria

uma desconstrução total dos modelos sobre os quais normalmente são estruturados os trabalhos de Grande Reportagem”.

Já quanto à tendência de serialização de Grandes Reportagens, dos nove entrevistados, sete são da opinião de que esta é uma estratégia válida, dependendo do assunto em questão. Os restantes profissionais entrevistados defendem que, apesar de certos temas poderem ser trabalhados desta forma, a verdade é que esta tendência não deve ser considerada como algo a desenvolver no futuro. Neste sentido, há mesmo quem fale não de uma tendência, mas sim de um recurso, uma técnica a que se pode recorrer em determinadas situações.

Jacinto Godinho (RTP) não se mostra contra a serialização, mas destaca que o problema está exatamente na linguagem utilizada para apresentar estes episódios, “o problema é quando se recorrem a elementos retóricos dentro da própria narrativa que são mais comuns na ficção”. Para o jornalista da RTP, desta forma, corre-se o risco de cair num “jornalismo de expectativa”, onde através das estratégias utilizadas, que se assemelham às das séries e novelas, se cria uma espécie de “*suspense*” e de revelação de algo na própria história que na realidade pode não existir. José António Pereira (RTP), por sua vez, acredita que esta é uma estratégia para atingir as audiências, e por isso o formato pode variar em função da linha editorial dos canais televisivos e de acordo com os próprios assuntos abordados.

Já Diana Matias (SIC) defende que a serialização “pode ser uma vantagem quando o tema é complexo e tem ramificações que a sua divisão em capítulos permite ao jornalista maior consistência”, além de poder ajudar na divulgação da mensagem junto do espectador. Pedro Coelho partilha desta opinião, o jornalista da SIC realça que nas Grandes Reportagens que produz utiliza essa “outra estratégia de construção” para poder aproveitar melhor o conteúdo e contar a história da melhor forma possível. O jornalista salienta ainda que não utiliza esta estratégia só para alimentar a história, mas sim porque os conteúdos o pedem.

No que diz respeito à compreensão da mensagem por parte dos espectadores, a maior parte dos jornalistas não acredita que a serialização interfira na forma como o espectador recebe o conteúdo. Rolando Santos (TVI), por sua vez, destaca que o facto de se utilizarem estratégias como anunciar o que se passará no próximo episódio e rebobinar um pouco para o que se passou no anterior, são práticas que podem ajudar na compreensão por parte do público. Diana Matias (SIC) prefere realçar a possibilidade de se ter acesso aos episódios nas plataformas online, o que entende ser uma importante ferramenta para o espectador, que pode assistir aos conteúdos sempre que quiser. Pedro Coelho (SIC) acredita que esta é a melhor forma de contar a história, sobretudo nos casos em que é necessário aprofundar o tratamento jornalístico. Sem a possibilidade de criar diferentes episódios, a história seria de certa forma amputada, o que não seria bom para o jornalista, nem para o espectador. Encontrar o equilíbrio na forma como são contadas as histórias, é esse o seu “contrato com o telespetador”.

Entre os jornalistas entrevistados, Pedro Coelho (SIC), Diana Matias (SIC) e Alexandra Borges (TVI) não consideram que a serialização seja uma forma de rentabilizar conteúdos, mas sim uma decisão de construção para que o conteúdo jornalístico seja tratado com mais profundidade. Diana Matias (SIC) defende mesmo que este não é um critério jornalístico e não deve ser tido em conta quando se determinam temas para Grandes Reportagens e os formatos dos trabalhos jornalísticos. Por outro lado, todos os jornalistas realçaram que as Grandes Reportagens, ou qualquer outro produto jornalístico, não pode e não deve ser promovido como um conteúdo de ficção. Os entrevistados suportam a opinião nos princípios básicos do jornalismo e de acordo com os quais a ficção não se pode misturar com a informação, no sentido de se promover determinado conteúdo como ficcional e este na realidade ser informativo.

Quanto aos temas das Grandes Reportagens Televisivas, apesar de os dados recolhidos indicarem uma tendência temática (“Polícia e Justiça”), a verdade é que os jornalistas consideram que têm liberdade para escolher

os assuntos que abordam. José António Pereira (RTP) realça ainda que por vezes existem temas do dia-a-dia que podem ser aprofundados e dar origem a trabalhos de fundo. Diana Matias (SIC), por sua vez, salienta que a Grande Reportagem representa o tempo e o espaço ideais para que se explorem temas fora da agenda, uma vez que se trata de um subgénero da reportagem que permite uma abordagem mais profunda do que a do jornalismo do dia-a-dia. Pedro Coelho (SIC), Rolando Santos (TVI), Diana Matias (SIC) e Paulo Salvador (TVI) realçam ainda que as estações onde trabalham têm preocupações comerciais, e nesse sentido não podem ignorar as audiências. No entanto, revelam também que fazem trabalhos considerados importantes e relevantes para a sociedade, mesmo que estes não garantam audiências.

Neste sentido, Alexandra Borges (TVI) revela que as melhores reportagens que já realizou, e que marcaram a agenda política do país, foram importantes porque eram temas necessários, que interessavam às pessoas. Diana Matias considera também que esta é uma forma de medir a importância de uma Grande Reportagem, pois se for possível fazer as pessoas refletirem sobre um determinado assunto, guiá-las em relação a uma causa e incentivar o pensamento crítico, o jornalista está a cumprir a sua função. Luís Loureiro, por outro lado, não considera que a repercussão pública seja um sinónimo obrigatório da relevância de um trabalho. O jornalista entende que só por se poder exercer a função de vigilância sobre determinado assunto, sobre determinada entidade, essa possibilidade por si só já é relevante. “A relevância social não é métrica”, defende o jornalista da RTP, não sendo por isso obrigatório que exista impacto social em todos os conteúdos produzidos.

### **Considerações finais**

Através do cruzamento dos dados obtidos com a análise de conteúdo e as entrevistas aos jornalistas, foi possível concluir que desde 2015 houve um efetivo aumento do número de Grandes Reportagens produzidas pelos três canais generalistas. As respostas dos jornalistas entrevistados não deixam dúvidas quanto ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido através daquele que continua a ser considerado o “género nobre” do jornalismo.

Os profissionais lembram, no entanto, que a falta de recursos humanos e financeiros constituem importantes limitações ao desenvolvimento de mais trabalhos desta natureza. Entre os obstáculos ou dificuldades apontadas pelos jornalistas, destaca-se a crise que afetou o jornalismo e que levou a uma redução do número de profissionais nas redações. Os cortes que se fizeram sentir são particularmente relevantes quando se analisa um género, como a Grande Reportagem, que exige vários profissionais, mas também tempo para investigar e aprofundar o tratamento dos temas. Por outro lado, a rapidez de produção e consumo dos conteúdos, não é visível apenas ao nível do entretenimento, mas afeta também a área da informação. Os jornalistas alertam nesse sentido para o facto de as Grandes Reportagens serem um tipo de jornalismo que exige mais atenção da parte do espectador e que talvez este não esteja disposto a conceder essa atenção a determinados trabalhos jornalísticos. Neste contexto, os jornalistas defendem a importância de encontrar um equilíbrio entre aquela que é a necessidade de informação mais imediata, mais instantânea, fruto dos ritmos das sociedades modernas, e uma informação mais ponderada, mais reflexiva, que encontra nas Grandes Reportagens o seu espaço.

No que diz respeito aos modelos e estruturas, foi possível concluir que não existe um modelo único de Grande Reportagem, uma vez que são vários os aspetos que podem determinar a estrutura do trabalho jornalístico, desde a temática até ao próprio jornalista. Os dados recolhidos apontam para uma tendência de redução do tempo das Grandes Reportagens, mas sobretudo para uma produção e exibição por episódios. A tendência de serialização das Grandes Reportagens Televisivas que fica evidente na recolha efetuada, é explicada pelas respostas dos jornalistas, que remetem por um lado para a complexidade das histórias e a necessidade de aprofundar os assuntos, mas também para a rentabilização do investimento feito nestes trabalhos jornalísticos. Para a maioria dos profissionais não se deveria sequer falar de uma tendência, mas pelo contrário de um recurso, uma técnica a que se pode recorrer em determinadas situações. Os jornalistas referem que a profundidade do tratamento jornalístico e a complexidade dos assuntos, que possam

necessitar de uma explicação mais ampla, são circunstâncias que podem justificar a adoção de outro tipo de narrativas que se estendam no tempo.

Para encerrar este trabalho importa realçar, por um lado, que o número reduzido de jornalistas entrevistados não permite extrapolar os dados para o universo de profissionais que desenvolvem trabalho de Grande Reportagem. Por outro lado, a importância que as Grandes Reportagens Televisivas têm alcançado nos últimos anos justificam que se continue a investigar nesta área, nomeadamente procurando compreender que temáticas os espectadores gostariam de ver tratadas através de Grandes Reportagens e através de que formatos. Seria ainda relevante perceber que consequências em termos sociais, económicos, políticos, podem derivar destes trabalhos jornalísticos. Uma investigação que considere os diferentes impactos que um trabalho de Grande Reportagem pode ter, seria não apenas relevante, mas decisiva para que se compreenda o poder que o jornalismo continua a ter, ao assumir determinadas funções, como as de vigilância dos poderes e prestação de contas.

## Referências Bibliográficas

- Araújo, V. (2011). *A continuidade do tempo relatado: a serialidade enquanto articuladora entre o jornalismo e a vida cotidiana*. Apresentado no Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, Salvador. Disponível em [url] [https://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/arac3bajo\\_valc3a9ria-vilas-bc3b4as.pdf](https://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/arac3bajo_valc3a9ria-vilas-bc3b4as.pdf)
- Baptista, C. (2018). Tendências do Jornalismo de investigação televisivo a partir do estudo de caso da reportagem da TVI “Segredo dos Deuses”. *Media & Jornalismo*, 18(32), 95-104. Disponível em [url] <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/5678/4557>
- Bertocchi, D. (2005). Gêneros jornalísticos para espaços digitais. Livro de actas 8º SOPCOM: “Comunicação Global, Cultura e Tecnologia”, Universidade do Minho. Disponível em [url] <http://www.sopcom.pt/actas/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>

- Cagé, J. (2016). [Trad.] *Salvar os Média. Capitalismo, financiamento participativo e democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Coelho, P. & Silva, M. T. (2018). O lucro social e financeiro do jornalismo de investigação. *Media & Jornalismo*, 18(32), 73-94. ISSN 2183-5462. Disponível em [url] <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/5677>
- Coelho, P. (2015). A investigação jornalística em televisão: Algumas reflexões sobre o futuro do jornalismo televisivo. In Sá, P. Serra & W. S. Filho (Org.) *A Televisão Ubíqua* (pp. 105–122). Covilhã: Livros Labcom. Disponível em [url] [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150529-201507\\_pserrassawfilho\\_tvubiqua.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150529-201507_pserrassawfilho_tvubiqua.pdf)
- Emerim, C. (2010). *O texto na reportagem em televisão*. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul: Intercom. Disponível em [url] <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf>
- Godinho, J. (2011). *As origens da reportagem televisiva*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Jespers, J. (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra-Portugal: Minerva.
- Jornalismo & Jornalistas (Jan/Jun 2016). *Jornalismo de Investigação. Licença para revelar*. Edição do Clube de Jornalistas.
- Melo, J. & Assis, F. (2016). *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. São Paulo: Intercom, 1(39), 39-56. Disponível em [url] <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>
- Melo, T. & Silva, T. (2016). A Reportagem em contexto de Jornalismo de Proximidade. Aveiro. *Estudos em Comunicação*, nº 22, 83-104. Disponível em [url] <http://www.ec.ubi.pt/ec/22/pdf/ec-22-05.pdf>
- Neves, B. (2007). *A reportagem televisiva como gênero jornalístico; o caso TCV*. (Monografia). Universidade Jean Piaget.
- Oliveira, J. N. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Cenjor.

- Sá, S. (2019). *Jornalismo Integrador: o noticiário televisivo na era da abundância informativa*. Covilhã: Livros Labcom. Disponível em [url] [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201905291217-201904\\_jornalismointegrador\\_ssa.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201905291217-201904_jornalismointegrador_ssa.pdf)
- Santos, M. (2009). Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. *Comunicação e informação*, 2(12), 21-32.
- Spinelli, E. (2012). Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet. *Alterjor*, 02(06). Disponível em [url] [https://www.researchgate.net/publication/316463665\\_JORNALISMO\\_AUDIOVISUAL\\_GENEROS\\_E\\_FORMATOS\\_NA\\_TELEVISAO\\_E\\_INTERNET](https://www.researchgate.net/publication/316463665_JORNALISMO_AUDIOVISUAL_GENEROS_E_FORMATOS_NA_TELEVISAO_E_INTERNET)
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo?* (1º ed.) Lisboa: Quimera Editores.